

DIÓRES: TRÊS ATOS E ALGUNS ‘CONCEITOS’ SOBRE O HOMENAGEADOSPOSITO, Maria Encarnação Beltrão¹

Recebido (Received): 09/05/2018 Aceito (Accepted): 15/05/2018

1. Introdução

Nos tempos de desconstrução em que vivemos, em que o *fake* e as pós-verdades imperam, em que a individuação e o presentificação dominam, é um prazer participar de uma cerimônia como essa, na qual efetivamente podemos encontrar, no passado, algumas explicações para o presente e, por isso, lembrar que temos muito o que comemorar e muito a fazer no futuro.

No entanto, como nada hoje é como poderia ou pareceria ser, me dou ao direito de fazer uma fala, que pouco combina com o próprio homenageado. Nada de sequências perfeitas, nada de precisão nas datas, nada de completo respeito ao que ele chamaria de “factos”. Um pouco de impressões, um pouco de lembranças e mais pitadas de emoção do que de razão. Dou-me ao direito, assim, de não começar pelo início.

1.1 Vamos, então, ao segundo ato

Março de 1988, instalação do programa de pós-graduação em Geografia, ainda apenas nível mestrado, na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp. Final do primeiro dia de aula. No corredor do prédio docente I vinha um pequeníssimo grupo de alunos do programa, todos os poucos matriculados, comentando a primeira aula do curso. Os adjetivos eram todos positivos. Dora, uma das alunas que havia feito a graduação na USP e, portanto, não o conhecia bem, disse: “Gente, mas o professor Dióres é espetacular!”

Um professor espetacular! Isso mesmo. Domínio de conteúdo, bem mesclado com amplo grau de informação e temperado com grande capacidade de se comunicar. Lembrei-me eu mesma de minha primeira aula na graduação, também ministrada por ele, que sempre se movimentava de um lado ao outro da classe, como um ímã que nos mantinha ligados.

O grupo de alunos da Pós-graduação atravessou o corredor e se foi. Deixaram o sentimento, a nós do Departamento de Geografia, que o pontapé inicial tinha sido dado com

¹ Professora titular da Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente junto ao Departamento de Geografia. Coordena a Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe).

a primeira aula e, finalmente, o curso, cujas gestões para implantação haviam começado muito antes, estava instalado.

Na outra ponta do corredor, entrou o professor, que lá de longe demonstrou uma de suas características mais marcantes: a irreverência (quase impertinência), ao falar: “Cursinho de Pós em Geografia muito fraco! Precisa de um historiador para dar a primeira aula. O que seria da Geografia sem a História?”.

Só não mordeu o anzol e saiu retrucando em defesa da minha corporação, porque ele mesmo demonstrou mais uma de suas qualidades (às vezes, sentimos que é um defeito, mas é uma qualidade): enorme habilidade de conduzir os diálogos. Mudou rapidamente de tema e me deixou desarmada.

Passaram-se trinta anos e sabemos muito bem que não há Geografia sem História. Entretanto, ele pode não admitir, para manter a irreverência, mas é dos que também sabe que não há História sem Geografia. De todo o prédio docente 1, apenas na sala dele havia um gigantesco mapa na parede. Claro que a Geografia não se reduz a mapas, mas sem eles ela fica muito menor.

Foi um entusiasta dos trabalhos de campo, fez inúmeras saídas com os alunos de graduação e pós-graduação, bem como com os colegas ‘desbravando’, do ponto de vista da pesquisa, as terras que os *agroboys* habitam hoje. Assim, demonstrou em sua própria carreira, parte feita no Departamento de Ciências Sociais e parte do Departamento de Geografia, que é a conversa entre os diferentes campos de conhecimento o que vale a pena.

1.2 Voltando ao primeiro ato

Aluno do curso de História da Universidade de São Paulo, ainda nos tempos da Filosofia na Rua Maria Antônia, viu como uma boa oportunidade a vida profissional no Oeste Paulista, região ainda chamada de Alta Sorocabana naquele período. Trabalhou no hoje denominado ensino básico, onde conheceu e se apaixonou pela adorável Marilu. Passou a trabalhar também, em tempo parcial, até que o integral fosse concedido, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, a FAFI, ministrando História nos cursos de Geografia e Ciências Sociais, e foi professor da Pós-graduação em História de Assis e de Geografia em Presidente Prudente.

Antes, nos anos de 1970, defendeu seu doutorado na Universidade de São Paulo, com tese sobre a origem histórica de Presidente Prudente, depois publicada em livro, o qual é, sem dúvida, o mais citado por várias gerações de pesquisadores que continuaram e

continuam a se interessar pela cidade e pela região, ainda que a partir de outros temas e perspectivas.

Lutou contra o fechamento de cursos de graduação, medida que acompanhou a criação da Unesp. Ofereceu mais que apoio moral aos alunos e docentes que, em tempos de ditadura, foram vítimas de controle e repressão. A sua ética em defesa do que é correto, está acima da oposição entre direita e esquerda, porque se apoia no sentido mais amplo do que é republicano.

Cotidianamente, entrava no prédio passando pelas salas dos colegas, antes de chegar à sua. Da pastinha fina que sempre carregava nas mãos, saíam recortes de jornais com matérias, que poderiam interessar à pesquisa de cada uma de nós. Uma verdadeira maravilha, pois ele assinava e lia vários jornais e fazia uma triagem qualificada e mais valiosa, ainda, do que o seria hoje, porque não havia internet.

Entre essas salas e a sua, estava o café do discente I que era muito mais que um balcão para se tomar a bebida revigorante. Ali se criticava a direção, a reitoria, o governador, o presidente, e, em algumas situações, o Papa. Dióres era dos mais falantes, mas exercia sempre o papel da moderação, sempre fazendo questão de exercer o contraditório às posições dos colegas.

No painel coberto de feltro verde que ficava pendurado na parede, bem acima da bandeja com as xícaras, colocava todos os dias um recorte novo. Nunca fiz uma estatística, mas seu articulista preferido talvez fosse o Clóvis Rossi, pois eram dele as ideias que mais habitavam aquele quadro.

Os recortes de jornais não vinham à toa, porque como ele gosta de dizer até hoje: “No capitalismo, não tem almoço de graça”, ou seja, a entrada nas nossas salas, para dar o recorte de jornal, era uma boa oportunidade para uma cobrança: “E aí Eliseu quando sai essa tese de doutorado?”; “Olímpio, quando vamos para o Pantanal”; “E, você Magaldi, o que nos conta da aula do Milton Santos que assistiu nessa semana na USP?”

Assim, passou anos falando: “Armen, quando consegue instalar essa pós-graduação em Geografia que você vem montando há tanto tempo?” “É melhor passar para as mãos do Ferrari, o único organizado nesse departamento”. E dá-lhe cobrança e dá-lhe estímulo.

Sua companhia, em grande parte das vezes, era a máquina fotográfica. Fazer esses registros continua a ser seu “esporte” preferido. Um *clic* porque o Marcio está terminando de redigir o mestrado, outro porque o Prof. Araújo veio de São Paulo para fundar a AGB Presidente Prudente, outros tantos a cada defesa de tese de um colega, a cada início letivo, quando reunia todos os alunos do primeiro ano para a foto oficial, que ele revelava e, depois, imprimia em várias cópias para dar aos mesmos alunos na formatura.

Onde estará a foto da primeira aula do curso de pós? Com certeza, foi ele quem a fez. Nós é que, provavelmente, não cuidamos de guardá-la, ao modo que ele gostaria – como um documento.

1.3 Chegando ao terceiro ato

Completado o tempo para a aposentadoria, ele deixou a Unesp. A partir de então, fez questão de quase cortar relações: nada de bancas, palestras, orientações na pós. Mas era tudo *mise-en-scène*. Todas as vezes que encontra os amigos, vêm as perguntas interessadas sobre os avanços e recuos que nossa universidade vive. Muitas vezes é ele quem manda uma matéria ou notícia sobre os desafios que as universidades devem enfrentar.

Fica impaciente, e com razão, quando demonstramos incapacidade de valorizar o que é essencial, de mudar porque o mundo lá fora se transforma muito e rápido.

Suponho que mesmo que ele não dê o braço a torcer, hoje, está muito orgulhoso de ter feito parte e ter tido papel protagonista nos primeiros anos do programa. Tanto mais agora que já ocorreram 790 defesas de dissertações e teses, várias dezenas de projetos de pesquisa coletivo financiados e podemos, em alguma medida, mostrar ao centro que há ideias na “periferia”.

Sua posição reiteradamente expressa de que era preciso ter pós-graduação em todo lugar, contrapondo-se a uma postura metropolitana e, por tal, cheia de hierarquias, deu resultado. Sua ação política sempre a favor de convencer os colegas de sua geração de que o futuro da Geografia de Prudente estaria na capacidade deles de incluir os mais novos, de credenciar rapidamente os recém-doutores, de ampliar o potencial de massa crítica que se desenhava, merece ser observada por nós, se quisermos de algum modo, como ele próprio fez, valorizar mais a instituição que os indivíduos. Dar ao tempo o direito de mostrar que é possível.

Os docentes e alunos do Programa de pós-Graduação em Geografia, os de hoje e os que passaram por aqui, agradecem sua atuação e desejam registrar seu tributo ao professor e pesquisador que foi. As instituições são mais importantes que as pessoas, mas não há instituições sem personalidades como você.

Obrigada Dióres Santos Abreu.